

N. CLASS. M793
CUTTER J581
ANO/EDIÇÃO 2015

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS - UNIS/MG
EDUCAÇÃO FÍSICA
WAGNER MORAIS DE JESUS

**JOGOS COOPERATIVOS X JOGOS COMPETITIVOS: SUA APLICABILIDADE
NA ESCOLA**

Varginha
2015

Grupo Educacional UNIS

WAGNER MORAIS DE JESUS

**JOGOS COOPERATIVOS X JOGOS COMPETITIVOS: SUA APLICABILIDADE
NA ESCOLA**

Trabalho apresentado ao curso de Educação Física, do
Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS/MG,
como pré-requisito para obtenção de grau de
licenciatura sob orientação do Prof. Ms. Marco Azze

**Varginha
2015**

WAGNER MORAIS DE JESUS

**JOGOS COOPERATIVOS X JOGOS COMPETITIVOS: SUA APLICABILIDADE
NA ESCOLA**

Monografia apresentada ao curso de Educação Física do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS/MG, como pré-requisito para obtenção do grau de licenciatura pela Banca Examinadora composta pelos membros:

Aprovado em 10/12/2015

Prof. Ms. Marco Azze (Orientador)

Prof. Esp. Silvana Diniz Gomes

Prof. Rômulo Bernardes Leal

AGRADECIMENTOS

Dedico o presente trabalho ao meu filho Theo Morais Silva de Jesus, minha fonte de motivação durante todo o período acadêmico, mesmo mediante aos contratempos existentes no percurso. Agradeço a Deus por ter me permitido chegar até aqui, ao meu orientador Marco Azze pela ajuda, aos demais professores e alunos amigos que me apoiaram quando não faltaram motivos para desistir. Por fim, agradeço aos amigos Wilson Lopes e Rodrigo Luiz que representam de forma honrosa à força que encontrei nas suas palavras amigas.

EPIGRAFE

Os que com lágrimas semeiam com jubilo ceifarão. Quem sai andando e chorando enquanto semeia voltará com jubilo, trazendo os seus feixes.

Salmos 126-5,6

RESUMO

Este trabalho monográfico teve o intuito de analisar os benefícios e prejuízos que os jogos cooperativos e os jogos competitivos trazem para a formação das crianças dentro das escolas. Nas aulas de Educação Física é comum que os professores realizem diversos tipos de jogos, mas esses jogos precisam ser aplicados de maneira correta, afim de realmente trazer benefícios para a sua evolução. O presente trabalho não tem como objetivo defender os jogos cooperativos, tampouco os competitivos, o maior interesse é analisar uma maneira de aplicar esses jogos minimizando seus prejuízos e potencializando seus benefícios, assim entende-se que os dois são importantes na formação das crianças. Portanto, é necessário que o professor de Educação Física tenha embasamento teórico e prático para realizar a aplicação desses jogos, deixando de lado monotonias e acomodações, realizando junto às crianças um trabalho digno e produtivo. Assim, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para saber como o professor poderá lidar com os pontos positivos e negativos desses dois tipos de jogos totalmente antagônicos nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Educação Física. Jogos cooperativos. Jogos competitivos.

ABSTRACT

This monograph aimed to analyze the benefits and harms that cooperative play and competitive games bring to the education of children within schools. In Physical Education classes it is common for teachers to perform various types of games, but these games need to be applied correctly in order to really bring benefits to its evolution. This study is not meant to defend the cooperative games, either competitive, the greatest interest is to analyze a way to apply these games minimizing its losses and enhancing its benefits, so it is understood that both are important in the formation of children. Therefore, it is necessary that the physical education teacher has theoretical and practical basis to achieve the application of those games, leaving monotonies and accommodation side, performing with the children decent and productive work. Thus, a literature search was conducted to find out how the teacher can deal with the pros and cons of these two types of totally antagonistic games in classes in physical education.

Keywords: Physical Education. Cooperative games. Competitive games.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 JOGOS COOPERATIVOS x JOGOS COMPETITIVOS.....	10
2.1 Etmologia de jogos.....	10
2.2 Jogos cooperativos.....	11
2.3 Jogos competitivos.....	11
2.4 Buscando o Equilíbrio.....	12
2.5 O papel do professor.....	13
3 METODOLOGIA	15
4 CONCLUSÃO.....	16
REFERÊNCIAS.....	18

1 INTRODUÇÃO

Baseado na competitividade da sociedade moderna e no único objetivo de produtividade criado por algumas pessoas, muitas vezes na própria aula de Educação Física o foco é a competição. A justificativa para isso é que a competição é de natureza do homem, importante para alimentar seu ego e menosprezando assim a cooperação entre os seres. Em contrapartida, existem situações em que a cooperação é o foco, mostrando a todos a importância de se ajudar e se relacionar melhor com o próximo, mas se esquecendo talvez da necessidade de disputa em alguns setores da vida.

É necessário muito cuidado com nossas crianças, para que elas não entendam a derrota como o fim do mundo e motivo para se desvalorizarem, tampouco a vitória como sobrevivência aos seus interesses. Para auxiliar nessas questões, o professor tem nas aulas de educação física a oportunidade de trabalhar um meio termo entre essas variáveis

Segundo Cortez (1999), para transformar essa realidade e tornar a escola um ambiente alegre, agradável de estar e aprender, é necessário mudar a prática pedagógica, utilizando atividades que valorizam as experiências e desejos dos alunos e jogos que criam oportunidades para seu desenvolvimento físico, moral e intelectual garantindo, dessa forma, a formação de um indivíduo com consciência social, crítica, solidária e democrática.

O professor de Educação Física tem a possibilidade de mostrar aos alunos que a verdadeira vitória não depende da derrota dos outros, e que o mais importante é desenvolver habilidades de cada um, para que todos se sintam importantes na realização das tarefas conjuntas e ou individuais (FILHO e SCHWARTZ, 2006).

Por isso, um tema que têm sido muito estudado principalmente na área de Educação Física Escolar, é o jogo.

2 JOGOS COOPERATIVOS X JOGOS COMPETITIVOS

2.1 Etmologia de jogos

Segundo Brotto (1995), jogar é uma oportunidade criativa para nos encontrar conosco, com os outros e com todos, e a partir daí, o jogo passa a ser uma consequência das visões, ações e relações.

Mas esses jogos necessitam ser bem trabalhados e não serem confundidos com alto desempenho, assim eles promoveriam valores contrários à cooperação e à igualdade (SANTIN, 1996), o que nos põe diante de um paradoxo: de um lado, jogos cooperativos são meios saudáveis de interação; de outro, jogos competitivos são seletivos, nem todas as pessoas iniciadas no esporte tornam-se desportistas bem sucedidos.

Jogos são “brincadeiras organizadas”. Helal (1990) define “brincadeira” como “qualquer atividade espontânea, voluntária, sem regras fixas, que proporciona prazer e diversão e que não tem finalidade ou sentido além ou fora de si”. Na brincadeira, não há preocupação com recompensas externas (como fama e dinheiro). Podemos imaginar brincadeiras que se tornam jogos quando seus praticantes acertam as regras antes de dar início. Quando essas regras se fixam e deixam de ser livremente estipuladas por seus praticantes, temos um jogo. Jogos podem ou não ser competitivos; mas esportes são sempre jogos competitivos organizados.

Jogos são testes artificiais, engajar-se num jogo é engajar-se numa espécie de desafio. Jogar um jogo é buscar voluntariamente a superação de obstáculos desnecessários (SUITS, 1978). As regras de um jogo indicam quando e como um teste começa e quando e como termina. Todos os jogos duram ou certa porção de tempo, ou o tempo necessário para que certo número de eventos ocorra.

Conforme Kishmoto (2001), o jogo possui duas funções gerais essenciais:

Função lúdica: o jogo propicia a diversão, o prazer e até o desprazer; Função educativa: O jogo ensina qualquer coisa que complete o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e seu posicionamento com o mundo.

Além das funções, o jogo permite à criança adquirir:

Valor experimental: exploração e manipulação; O valor da estruturação: construção da personalidade infantil; O valor da relação: a criança em contato com seus pares e adultos, com objetos e com o ambiente em geral. O valor lúdico: avaliar se os objetos possuem as qualidades que estimulam a ação lúdica (KISHMOTO, 2001).

2.2 Jogos cooperativos

A diferença principal entre jogos competitivos e cooperativos é que nos jogos cooperativos todo mundo coopera e todos ganham e estes jogos eliminam o medo e o sentimento de fracasso. O principal objetivo seria criar oportunidades para o aprendizado cooperativo e prazeroso (ORLICK, 1989).

A principal crítica realizada a esse tipo de jogo, é que ele não prepara as crianças para o mundo competitivo dos tempos atuais, onde para se tornar um grande profissional na área que elas escolherem será necessário competir com outras pessoas que também tem o mesmo objetivo. Mas para Correia (2007), isto é um mito que acaba perpetuando uma concepção equivocada de que o aluno precisa aprender a competir para sobreviver às adversidades sociais, políticas e econômicas da vida lutando contra seus pares.

Mudanças podem ser feitas nos jogos tradicionais com o objetivo de introduzir os valores de cooperação. Assim, Terry Orlick (1989) categorizou os jogos cooperativos da seguinte forma:

Jogo cooperativo sem perdedores: São os jogos plenamente cooperativos, pois todos jogam juntos para superar um desafio comum e não há perdedores; Jogos cooperativos de resultado coletivo: São formadas duas ou mais equipes, mas o objetivo do jogo só é alcançado com todos jogando juntos, por um objetivo ou resultado comum a todos; Jogo de inversão: Esses quebram o padrão de times fixos, em que dependendo do jogo, os jogadores trocam de times a todo instante, dificultando reconhecer vencedores e perdedores; Jogos semicooperativos: Esses jogos favorecem o aumento da cooperação do grupo, e oferece as mesmas oportunidades de jogar para todas as pessoas do time, mesmo um com menor habilidade, pois existem regras para facilitar a participação desses. Os times continuam jogando um contra o outro, mas a importância do resultado é diminuída, pois a ênfase passa ser o envolvimento ativo no jogo e a diversão.

2.3 Jogos competitivos

Segundo Kretchma (2005), competições são testes enriquecidos. Se um teste tem as características de jogos com resultados “sim ou não”, então é possível praticá-los competindo. Competir proporciona, assim, um objetivo adicional. Vencer o adversário agrega um prazer adicional. Entretanto, agrega, por óbvio, infelicidade ao derrotado.

Para Helal (1990), competição e busca do rendimento são, traços dos esportes modernos; a competição somente não ocorre em meras práticas lúdicas, ou quando um jogo não é jogado “desportivamente”, isto é, quando certo jogo é jogado de forma despreziosa como pura brincadeira. Assim, competições não poderiam deixar de fazer parte da rotina tanto do esporte-educação como do esporte-participação.

Touraine (1991) e Castel (1998) defendem que a derrota ou a exclusão não traz somente malefícios psicológicos para as crianças, pelo contrário, através destas duas questões é criado nela um componente importante para toda sua vida: a superação. A expectativa de superar-se noutro jogo, podendo voltar a vencer, ou de retornar depois de um fracasso, torna competições disputas valiosas para aqueles que escolhem o esporte não somente como momento fugaz de diversão, entretenimento ou alegria, mas como projeto de vida.

Os jogos competitivos são defendidos por alguns profissionais como um elemento importante na educação das crianças, tendo como fundamento de elas assim ficariam melhores preparadas para viverem num mundo competitivo como o nosso. Porém, é necessário trabalhar a competição de maneira correta, a fim de buscar os benefícios que ela traz como desejo de superação, determinação e preparação para os desafios. Assim é possível diminuir os seus malefícios, como a confusão entre auto-estima e desempenho, o medo de falhar, etc. (FERNANDES, 2006).

2.4 Buscando o equilíbrio

Betti (2002) afirma que a Educação Física como componente curricular da educação básica deve assumir a tarefa de introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, contribuindo para a formação do cidadão que será capaz, ao final de sua jornada escolar, de produzi-la, reproduzi-la e transformá-la. Portanto, independente dos jogos que são aplicados, é necessário jamais se esquecer do principal objetivo das aulas.

Em afirmação categórica, Brotto (1999) aponta que a competição proporciona situações capazes de eliminar a diversão e a alegria de jogar. Esta afirmação não parece corresponder com as declarações sobre os sentimentos dos esportistas e espectadores que, de modo geral e reiterado, afirmam a multiplicação do prazer no jogo e no esporte mediante a competição. Sendo assim, é necessário buscar um equilíbrio entre esses dois tipos de jogos, proporcionando alegria e prazer no jogar.

Em uma pesquisa realizada por Pocera (2008), existe crítica aos jogos competitivos, por acreditar que os mesmos educam os indivíduos para os hábitos de individualidade, de

rivalidade, de agressividade, além de fomentar a exclusão, a dominação e a inimizade. Mas quando existe uma intervenção do professor todos esses pontos negativos mencionados podem ser minimizados, para que não se apresentem evidências para as relações entre individualidade e agressividade, entre individualidade e rivalidade, entre rivalidade e inimizade.

Moraes (2008, p. 18), “[...] os jogos cooperativos foram pensados como instrumentos de ludicidade, capazes de intervir no modelo capitalista de competição e promover uma revisão de valores e condutas na direção da cooperação”. A ideia é ótima e transformadora, mas é necessário tomar cuidado com o fanatismo dela, é necessário um meio termo para dar condições às crianças de enfrentarem o mundo como ele realmente é.

Para Brotto (1999) a desconfiança não é em relação ao potencial formador do jogo e do esporte, mas quanto aos valores atrelados a eles, atendendo a manutenção do modelo educacional dominante. A questão anterior a essa afirmação é: será que podem ser separados? Se esporte e valores atrelados agonísticos, competitivos e seletivos, entre outros, não são separáveis, então, ser contra o esporte e ser contra seus valores.

O jogo cooperativo tem sido referenciado como uma atividade educativa humanizada porque, segundo Brotto, (1999, p. 76), “[...] são jogos com uma estrutura alternativa, onde os participantes jogam uns com os outros, ao invés de jogar uns contra os outros”, diferentemente dos jogos tradicionais ou competitivos, em que os jogadores buscam a vitória a qualquer custo. Uma boa parte da humanidade entende que jogar uns contra outros, respeitando as regras, com fair play e lealdade, é altamente educativo, formativo. Não devemos expulsar, sem um trabalho crítico, essas crenças para fora de nossas elaborações, tampouco confiar plenamente nelas, pois correríamos o risco de estar perdendo elementos potencialmente educativos. É necessária uma nova pedagogia, buscando um meio termo entre esses dois tipos de jogos, recuperando o trabalho formativo, tanto com a cooperação quanto com a competição.

2.5 Papel do professor

A maioria dos professores de educação física tem experiências variadas com os jogos competitivos, mas poucos procuram uma alternativa com os jogos cooperativos. Até hoje, grande parte dos programas de educação física e de jogos praticados nas escolas pouco ou quase nada ofereceu como alternativa aos jogos competitivos (CORREIA, 2006).

Se o professor atual não fizer uma leitura crítica do conteúdo e da metodologia que irá trabalhar junto aos alunos, poderá ministrar a mesma aula tecnicista que recebeu, reproduzindo movimentos técnicos e acentuando o rendimento em detrimento da participação, deixando assim de explorar os benefícios que os jogos trazem para a formação das crianças (ABRAHÃO, 2004).

Por isso, o profissional não pode negligenciar a competição inerente desses tipos de jogos, mas intervir de maneira coerente, visando à formação de um ser social, que possua espírito de equipe, mostrando aos alunos que todos têm sua função dentro do jogo e que a falta de um deles fará a diferença (FERNANDES, 2006).

Os professores podem utilizá-los ensinando aos alunos que o importante é jogar "com" e não "contra", discutindo sobre a competição e cooperação e mostrar como e quando ocorre cada uma delas nos jogos, esportes e brincadeiras. Correia (2007) dá respaldo afirmando que utilizar os Jogos Cooperativos não é incoerente ou incompatível com a realidade e o cotidiano da escola.

Para Soler (2005), utilizando o Jogo Cooperativo haverá a diminuição dos problemas e dos conflitos. Pois, segundo ele, pode-se dizer [...] sem medo de errar, que quanto maior for a parte da vida de uma criança envolvida com Jogos Cooperativos, mais ela aceitará a cooperação, e mais ainda estará disposta a cooperar tanto no jogo da escola quanto no grande jogo da vida. (SOLER, 2005, p. 48). De novo estamos diante uma declaração geral e não específica. Problemas e conflitos formam parte significativa do jogo da vida. O conflito foi e é visto como dinamizador das formas sociais (lutas de classes, sociologia do conflito, etc.)

3 METODOLOGIA

Foi realizado um estudo bibliográfico por meio de várias fontes: livros, artigos científicos, monografias, dissertações, teses e sites relacionados com o tema.

4 CONCLUSÃO

Através deste trabalho, foi possível analisar os benefícios e os prejuízos que os jogos cooperativos e os jogos competitivos trazem para a formação das crianças nas aulas de educação física escolar. O professor tem uma grande parcela de responsabilidade nessa questão, pois geralmente é ele quem define o estilo de jogo que será aplicado e o como ocorrerá à conduta das crianças jogando.

Independente se o jogo é cooperativo ou competitivo, é fundamental que ele não seja confundido com esporte, pois o mesmo não existe regras adaptativas, diferentemente dos jogos que é possível realizar mudanças nas regras para buscar um efetivo aproveitamento no processo ensino-aprendizagem dos alunos.

Nos jogos competitivos, é possível preparar melhor as crianças para o mundo competitivo que nos cerca, através dele consegue-se mostrar aos alunos virtudes como entender que a derrota não quer dizer fracasso pessoal, que a vitória foi feita para a alegria e não para desrespeitar o adversário, ensiná-los atitudes de superação e preparação para os desafios. Mas é necessário cuidado para que esses jogos não se tornem uma disputa sem regras, gerando nas crianças sentimentos de fracasso, individualismo, exclusão dos menos habilidosos, incapacidade, baixa autoestima e rivalidade extra jogo. O professor capacitado conseguirá introduzir os jogos competitivos em suas aulas, minimizando seus pontos negativos e maximizando seus pontos positivos.

Já nos jogos cooperativos é possível trabalhar diversos sentimentos positivos, como alegria, entusiasmo, amizade e confiança, também se consegue aumentar o sentimento de capacidade, de auto estima e inclusão, onde todos são iguais e tem os mesmos direitos. O trabalho em equipe, onde não existe um mais importante que o outro e o respeito para com o adversário, faz com que essas crianças cresçam como seres solidários, compreensivos, prudentes, pacientes e respeitosos para com os outros, sabendo integrar as diferenças e se tornando seres mais sociáveis. Tudo isso é possível ser realizado com a aplicação dos jogos cooperativos, já o professor, para minimizar o grande questionamento contra esse tipo de jogo que é o despreparo para a vida real, pode introduzir neles regras onde seja necessário ter superação, determinação, foco e responsabilidades individuais, sem perder a essência do jogo e diminuindo seu ponto negativo.

Portanto, é necessário que os professores possam adquirir novas condutas e posicionamentos dentro das aulas de Educação Física, não sendo totalmente fechados em uma ideia fixa ou apreciarem somente um tipo de jogo, buscando ter uma nova visão pedagógica e

educativa. É fundamental passar aos alunos os valores positivos dos jogos cooperativos, mas também é importante que os mesmos vivenciem os jogos competitivos, se preparando para os desafios da vida futura.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, S. R. **A relevância dos jogos cooperativos na formação dos professores de educação física**: uma possibilidade de mudança paradigmática. 2004. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Curso de pós-graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- BETTI, M. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esportes** a. 1, n. 1, 2002 Biociências, 1999.
- BROTTO, F. O. **Jogos Cooperativos: Se o importante é competir, o Fundamental é cooperar**. São Paulo, O autor, 1995.
- BROTTO, F. O. **Jogos Cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar!** Santos: Projeto cooperação, 1999.
- CASTEL, R. **Metamorfoses da questão social**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CORREIA, M. M. **Trabalhando com jogos cooperativos**: em busca de novos paradigmas na Educação Física. Campinas: Papyrus, 2006.
- CORREIA, M.M. **Jogos cooperativos e Educação Física Escolar: possibilidades e desafios**. Lecturas, Educación Física y Deportes. , v.12, n. 107, 2007
- CORTEZ, R.N.C. **Sonhando com a magia dos jogos cooperativos na escola..** Dissertação (Mestrado em educação física). Rio Claro: , Universidade de Rio Claro, UNESP.
- FERNANDES, A. P. C. **Mudança de comportamento das crianças através da prática de jogos cooperativos**. Fortaleza, 2006. 70p. Monografia (Especialização) – Universidade de Brasília, Centro de Ensino a distância
- FILHO, S.C.; SCHWARTZ, G.M. **Jogos cooperativos e condutas violentas: visão do Professor de Educação Física**. Lecturas, Educación Física y Deportes. , v.11, n.96, 2006.
- HELAL, R. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- KISHIMOTO, T.M. **Jogo, Brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2001
- KRETCHMAR, R. S. **Practical philosophy of sport and physical activity**. 2nd ed. Champaign: Human Kinetics, 2005.
- MORAES, V. L. **Os jogos cooperativos nas ações do Programa a União Faz a Vida, na região do médio Alto Uruguai – RS**. 2008. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008
- ORLICK, T. **Vencendo a Competição**. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.
- POCERA, J. A. (2008). **Análise das relações desencadeadas pelos jogos cooperativos na Educação Física do Colégio Agrícola Senador Carlos Gomes de Oliveira**. 2008. 94 f.

Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2008.

SANTIN, S. **Educação física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento**. Porto Alegre: EST/ESEF-UFRGS, 1996.

SOLER, R. **Jogos cooperativos**. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

SUITS, B. **The grasshopper: games, life and utopia**. Toronto, Buffalo: University of Toronto Press, 1978

TOURAINÉ, A. **Face à l'exclusion**. Esprit, Paris, v. 169, p. 7-13, fev. 1991.